

# ARQUITECTURA HABITACIONAL AÇORIANA: O ESTUDO DE CASO DA MORADIA “MATA-VACAS”, SÃO MIGUEL-AÇORES

Azorean housing architecture: the case study of the “Mata-vacas” house, São Miguel, Azores

Creusa Maria Silva Raposo, Universidade Catolica Portuguesa<sup>1</sup>

Fecha de Recepción: 27/07/2019

Fecha de Aceptación: 01/06/2020

**RESUMO:** A presente investigação tem por base o estudo da arquitectura doméstica e popular da comunidade de Arrifes, da ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores. De características invulgares quer na ilha, quer na Região Autónoma dos Açores, esta habitação apresenta particularidades que lhe valeram o epíteto de casa “mata-vacas” e até a menção de “bairro cubista”, aquando da referência a estes aglomerados compostos por este tipo de edificação, na documentação do século XX. A empena virada para a rua, a fachada na lateral, a existência de falsa apenas sobre a cozinha, a *eira*<sup>2</sup> ou o *polim*<sup>3</sup> são alguns dos elementos que se destacam e que conferem singularidade a esta casa. A localidade necessita de uma intervenção preventiva urgente, que sensibilize a população e as entidades locais sobre o valor do seu património edificado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Património Material, Arquitectura, Habitação, Açores, Ponta Delgada

**ABSTRACT:** The presente investigation is based on housing architecture and popular community of Arrifes, in the Island of São Miguel, archipelago of Azores. From unusual characteristics either in the Island or the Region, this housing presents particularities that earned it epithet *mata-vacas* and even the mention of *bairro cubista* when reference was made to these ways composed of this type of edification in 20th century documentation. The gable facing the street, the facade on the side, the existence of a “loft” only above the kitchen, the *eira* or the *polim* are some of the elements that are highlighted and provide singularity to this house. The parish needs urgent preventive intervention to raise awareness among the population and local entities about the value of their built heritage.

**KEYWORDS:** Material Heritage, Architecture, Housing, Azores, Ponta Delgada.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Património Cultural e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores/ Membro da Sociedade Ibero-Americana de Antropologia Aplicada/ Portugal.

[creusamsr@gmail.com](mailto:creusamsr@gmail.com)/ 351 912612117

<sup>2</sup> O termo *eira* é aplicado pelos populares para designar o pátio da moradia.

<sup>3</sup> O termo *polim* não consta dos dicionários, pois é um regionalismo desta comunidade para designar um granel.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como principal objecto de estudo o Património Material e de cariz habitacional na freguesia de Arrifes- São Miguel, Açores (Portugal), através da análise das moradias de origem popular denominadas por casas “mata-vacas”.

Quando descoberta a ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, encontrava-se revestida por uma cobertura de árvores altas e arbustos assim como um intenso matagal. Deparados com um cenário de natureza indomada, os povoadores portugueses de quatrocentos e de quinhentos, tiveram de transformá-lo e preparar o seu novo habitat. (Almeida, 2012: 43 e 44).

Assim, só podemos imaginar a localidade que hoje denominamos por Arrifes, nos seus primórdios, coberta de densa vegetação e de muito arvoredado, como o loureiro, a faia, o cedro (Brito, 2004: 59 e 63) e o tamujo. (Lalanda, 2002: 16).

Para a exploração da terra recorreu-se aos métodos de roçagem e enfogueiramento (Almeida, 2012: 44) que, usados em simultâneo, possibilitaram o nascimento das primeiras clareiras. Teve lugar também a procura do bem essencial a todos os seres vivos: a água. Procedeu-se à criação de animais (Brito, 2004: 98) e à utilização da madeira para diversos fins. (Almeida, 2012: 9, e Costa, 2008: 9).

O sistema de divisão e posse da terra, baseado nas chamadas “dadas” ou “sesmarias”<sup>4</sup> (Brito, 2004: 105), atribuídas pelo Capitão do Donatário, onde o dono da terra tinha a obrigação de construir “cafua”<sup>5</sup> e “curral”<sup>6</sup>, roçar o terreno, efectuar benfeitorias e estabelecer acessos para uso comum, pretendia promover a fixação de núcleos familiares. A estrutura fundiária cristalizou muito cedo, em grande parte devido à vinculação dos bens (Borges, 2007: 35 e ss); ainda na primeira metade do século XVI, restringindo o homem comum ao contrato de locação das terras ou ao trabalho a soldo do proprietário. (Almeida, 2012: 139)

Os pequenos aglomerados ergueram-se consoante a morfologia permitiu, alcançando na íntegra, a orla costeira micaelense. (Almeida, 2012: 144 e 145) O “sítio” de Ponta Delgada na era de quinhentos apresentava-se primitivamente coberto de mato, constituindo um “solitário ermo”. Posteriormente passou de modesto lugar a pequena aldeia, mais tarde foi vila em 1499 (Frutuoso, 1981b: 168) e por último foi elevada a cidade em 1546. (Meneses, 2011: 50) Adquiriu território, população e produção, alcançando aproximadamente o terço da ilha em meados do século XVI. (Almeida, 2012: 158) Em contrapartida salientava-se a floresta entre os aglomerados, preenchendo o panorama natural e circunscrevendo o território, que Rui Almeida designa como “ermo”. Cabia-lhe delimitar os núcleos habitacionais e preservar a “reserva florestal”. Este manto verde era caracterizado como aposento do mágico e do fantástico, dos animais selvagens, dos refugiados, marginais e eremitas, que no silêncio procuravam a elevação do espírito.

---

<sup>4</sup> Nomes atribuídos para designar a forma de divisão e posse da terra nas ilhas portuguesas.

<sup>5</sup> Primitivo abrigo feito de madeira utilizado nos Açores.

<sup>6</sup> Local que abrigava o gado.

Surgem nos finais do século XV e inícios do século XVI modestas vias que permitiam a comunicação entre as áreas mais distantes e os aglomerados, conforme as necessidades de transporte de pessoas, animais e bens. (Almeida, 2012: 199) Nas centúrias seguintes, a estrutura viária aumentou: surgiram novos e melhores acessos, acompanhando as novas fixações.

Com uma área de aproximadamente vinte e cinco quilómetros quadrados, a actual freguesia de Arrifes encontra-se limitada pelas freguesias de Capelas, São Vicente Ferreira, Fajã de Cima, São Sebastião, São José, Relva e Covoadá. Situa-se a quatro quilómetros a noroeste da cidade de Ponta Delgada, mais precisamente no planalto central da ilha verde, no sopé oriental do maciço da caldeira das Sete Cidades limitado pelas grotas do Contador e das Lajes (**Fig. 1**).

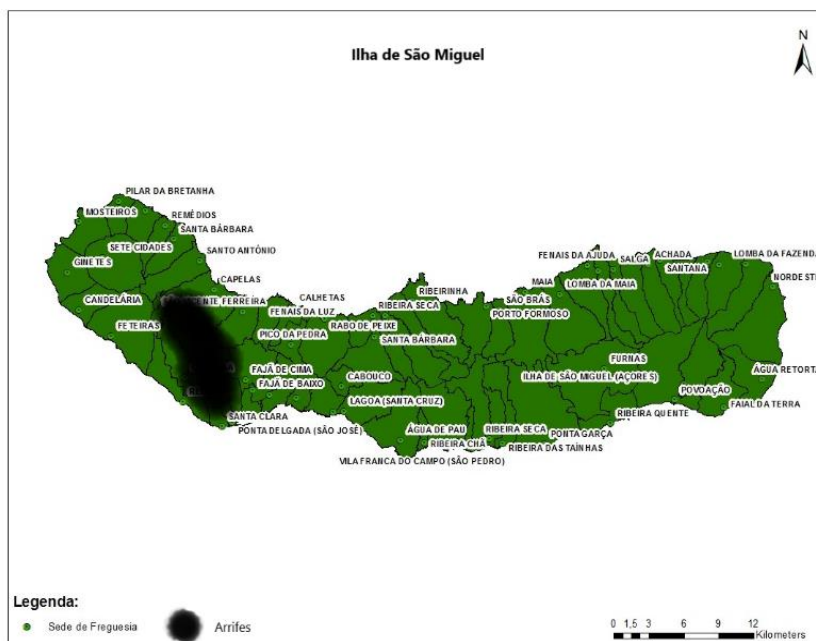


Fig. 1. Mapa da ilha de São Miguel com a freguesia de Arrifes assinalada a preto. Fonte: <https://sites.google.com/site/islandsaomiguel/mapa-da-ilha>

O cronista quinhentista Gaspar Frutuoso descreve a área em análise com vários picos, suas concavidades, charcos, lagos e lagoas com diferentes nomes e alguns proprietários (Frutuoso, 1981a: 145).

Esta comunidade diferencia-se da grande parte das localidades da ilha do arcanjo São Miguel, que devem a sua toponímia aos santos padroeiros das ermidas e igrejas paroquiais (Revista Insulana, 1948: 365). O seu nome tem origem no árabe “*al-rife*” que designa orla marítima, beira-mar ou rio, ala de montanhas, e é um termo comum, quer no continente português, quer nas ilhas (Lopes, 1968: 37; MACHADO, 1977: 320).

Segundo os diversos dicionários de Língua Portuguesa significa abertura em linha recta produzida no arvoredo pelo desgaste de ramos, atalhada e fina camada de terreno, onde aparece esporadicamente rocha subjacente (Dicionário Ilustrado da

Língua Portuguesa: 86; Figueiredo, 1996: 282). Nos Açores o termo é utilizado para designar um terreno de cultura nas encostas e que neste caso foi aplicado em razão da sua localização com solo acidentado, pedregoso, com pequenas arribas e por possuir um considerável número de picos e montes (Morais, 1961: 265).

Foi um povoado sensivelmente pequeno até finais do século XVII e inícios do século XVIII. Durante os séculos seguintes desenvolveu-se e a sua população aumentou consideravelmente pois os primeiros dados disponíveis para o estudo demográfico de Arrifes despontam apenas em 1719 indicando uma população residente de 336 *almas de confissão* e 150 *fogos* (Boavida, 1999: 31; Nogueira, 2002: 43).

A agricultura e a criação de gado estão intimamente ligadas ao crescimento e ao desenvolvimento desta freguesia. As actividades e o ritmo de vida dos seus habitantes foram marcados durante muito tempo pela agricultura (culturas dedicadas ao trigo, milho, pastel, espadana, beterraba, chicória, batata-doce, inhame, ananás, amendoim, vinha, árvores de fruto e tabaco), pela pecuária (com especial relevo na introdução de gado de aptidão leiteira no século XIX e ao grande crescimento a partir das duas Grandes Guerras) e pelos ciclos naturais a elas associados (Silva, 2016).

Não descurando o importante contributo da restante zona baixa oeste de Ponta Delgada (Brito, 2004: 152), a área mais rica na criação de gado foi e é a zona de Arrifes, considerada a maior bacia leiteira do Arquipélago. Actualmente possui pouco mais de sete mil habitantes e como principais actividades a pecuária e agricultura, e de forma menos significativa a indústria e os serviços.

## **A CASA “MATA-VACAS”**

Numa sociedade marcada por um profundo contraste socioeconómico, desde o primeiro século de povoamento, é natural que a arquitectura habitacional traduzisse esta realidade e disparidade de rendimentos vividos pela população.



Fig. 2. Casas tradicionais dos Arrifes. Na legenda da imagem pode ler-se: “Casas rústicas. Bairro cubista nos Arrifes, Ponta Delgada, S. Miguel”. É possível que se trate da Rua Amaro Dias a meados da centúria passada. Foto: cedida gentilmente pelo Museu Carlos Machado. Arquivo Fotográfico MCM (sem data).

Segundo Raquel Soeiro de Brito, a casa dos primórdios da colonização no arquipélago seria a “cafua”, uma pequena barraca de madeira coberta por colmo. Em seguida evoluiu para uma forma rectangular, térrea e com paredes de pedra ou barro, coberta por palha. Apresentava uma porta singela e uma janelinha. Mais tarde a cobertura de colmo ou de palha foi substituída pela de telha, de maior durabilidade e comodidade, e menor perigo de incêndios (**Fig. 2**). (Brito, 2004: 190 e 192)

Nos Arrifes encontram-se diversas tipologias do que podemos considerar como casa popular, no entanto, existe uma de características raras na ilha, quiçá no arquipélago, chamada de “casa típica” pela voz do povo.

Na freguesia existiram ruas inteiras de casas lineares, quase sempre de duas águas, edificadas perpendicularmente às ruas, paralelas umas às outras (Brito, 2004: 191), separadas pelas *eiras*. A fachada encontrava-se na lateral, com empena voltada para a rua e ostentava uma porta, ladeada por janelas ou possuía duas portas e janela. Uma das portas abre directamente para a cozinha e a central para o quarto do meio da casa. (**Fig. 3**).



Fig. 3. Casa no Beco do Amaral, de tipologia janela-porta-janela. Foto: Cláudio Pacheco, 2018.



Fig. 4 - Eira. Arquitectura, 2000: 141.

Transmitiam um aspecto de recolhimento em si próprias viradas para o pátio, (Insulana, 1953: 188) popularmente designado como “eira” e com uma pequena janela virada para a rua, e nenhuma abertura sobre as moradias vizinhas (**Fig. 4**).

O acesso primitivo era feito através da eira que protagonizava momentos de actividades domésticas e consequentemente de convívio. Aqui matava-se o porco, desfolhava-se o milho, debulhava-se o trigo, a fava, o tremço ou o feijão. (Segundo os diversos depoimentos recolhidos). Era também por este local que entrava e permanecia o carro de bois ou a carroça de leite. Algumas destas tarefas eram acompanhadas ao som da viola da terra e de alguns balhos.

No quintal coexistiam o galinheiro, o curral do porco, a retrete, uma pequena área para cultivo, a tolda de milho e o *polim*.

Estas são as principais características que distinguem a casa dos Arrifes das restantes e são essas particularidades que justificam a sua tipologia. São designadas por estilo “mata-vacas”, termo que designava a orientação do vento, pois todas se viravam de costas umas para as outras, devido ao clima local, de temperatura amena, mas muito ventoso, de orientação Norte/Sul. (Almeida, 2012: 52 e 210)

A forma mais rudimentar aproximava-se do quadrado, com uma janela na fachada e na lateral uma porta com ou sem janela, o que significa que apenas existia um quarto e cozinha. O interior era separado por uma parede de madeira.

As restantes tipologias eram de piso térreo podendo ser um pouco mais elevado do que a rua. Apresentava-se linear e de forma rectangular. O tecto era geralmente de duas e, em alguns casos, de três águas, neste sentido a mais pequena exibia-se voltada para a rua. (Almeida, 2012: 210) De forma pontual encontramos de uma água.

Os materiais de construção eram os regionais com a pedra crua e solta, tosca (Insulana, 1953: 45) e sem reboco. A cal aparecia somente em redor das janelas, portas e abaixo da cornija, sobressaindo do negrume do basalto aparelhado. (Brito, 2004: 192) O beirado apresentava-se curto com bicos revirados nos ângulos.

No interior as divisões eram feitas por tabiques de madeira (Brito, 2004: 192), podendo algumas casas possuir paredes em pedra, mas apenas para delimitar a cozinha do resto da casa. O chão exibia-se de terra batida verdascada até ficar entijolada. Em dias de festa podia ser coberto com rama de pinheiro.

Como se verifica na planta apresentada o número máximo de compartimentos era de três, correspondendo o maior ao meio da casa onde se situava a porta central. Este quarto servia de sala de estar e de jantar, de quarto de dormir, de zona de trabalhos domésticos, como a prática da costura, bordados, rendas e afins. (Entrevista A. M. Costa)

Do lado da rua ficava o quarto de dormir por vezes assoalhado e com forro. Apelidado de “quarto de estado” (Brito, 2004: 194) era essencialmente um quarto simbólico, com a melhor mobília que o casal conseguia adquirir. Não dormiam nele pois servia essencialmente em caso de doença ou morte, de nascimento de crianças ou para receber a família que regressava por algum tempo à terra natal. (Entrevista D. Aguiar)

Dormiam também na falsa como resultado do aproveitamento do espaço pequeno em que habitavam e que geralmente abrigava numerosas famílias. Era um falso piso que não se via, mas que existia, correspondendo ao aproveitamento interior. Constituído por barrotes e vigas de madeira, por vezes povoado de camas (Arquitectura, 2000: 20) e onde dormiam principalmente as crianças ou os filhos do casal, quando a casa era de tipologia mais pequena. Este sótão, geralmente baixo e parcial, construído apenas por cima da cozinha, deixava a sala com maior altura livre, ao contrário dos existentes no resto da ilha. Quando existe esta falsa surge por cima da porta da cozinha uma pequena janelinha a denunciá-la. Este tipo de falsa apenas existe nos Arrifes. (Arquitectura, 2000: 123) Despontam também tipologias onde a falsa é alteada sobre a cozinha aparecendo no exterior o volume sobrelevado no limite da edificação (Brito, 2004: 142).

No extremo da moradia marcava presença a cozinha. Ao fundo desta encontrava-se o forno, elemento indissociável deste espaço. A cozinha era geralmente ampla e considerada a zona mais importante da casa. Um arco de volta perfeita completo ou não, separava a chaminé. Aqui existia o lar popularmente chamado de pial. Era feito em pedra e nele se fazia o lume de lenha ou de carvão, sobre a qual a trempe ou grelha de ferro amparava as panelas, chaleiras ou a sertã (Brito, 2004: 194).

O espaço em volta da moradia era geralmente preenchido por diversos anexos dependendo da fonte de riqueza da família e da sua actividade. Era frequente a presença da tolda de milho<sup>7</sup> (por alguns designada como barraca de milho), de aparência frágil, composta por uma estrutura de varas e fasquias em forma de pirâmide (**Fig. 5**). Servia para a secagem e armazenamento das maçarocas de milho até às colheitas da estação seguinte (Arquitectura, 2000: 174).

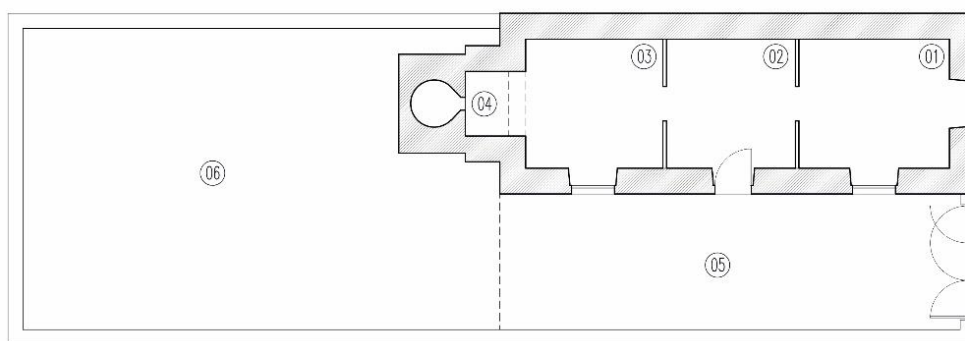


Fig. 5. *Planta da casa popular*, de tipologia janela-porta-janela (1- quarto de estado; 2- quarto do meio; 3- cozinha; 4- forno de lenha; 5- eira; 6- quintal). Realizado pelo Sr. Pedro Monteiro. Escala aproximada de 1: 150.

<sup>7</sup> Termo usado na freguesia em estudo.

Surgem também os granéis ou *polins* que são na verdade edifícios de apoio à actividade agrícola traduzindo-se em simples celeiros com o intuito de guardar os produtos da terra. Os abertos apresentam-se num volume paralelepípedo, cuja estrutura é composta por uma armação de varas dispostas ao alto, sobre um estrato de madeira suportado por barrotes apoiados em pequenos pilares de pedra ou de alvenaria (Arquitectura, 2000: 174). Mais frequentes nas casas consideradas de “gente amanhada”<sup>8</sup>, estava também presente o *polim*, nomeadamente o granel<sup>9</sup> fechado. Aparecem de volume semelhante ao granel aberto obrigando à abertura de vãos e à colocação de uma pequena escada de acesso pois também estão sobreelevados do chão (Arquitectura, 2000: 176) Surgem como pequenas casinhas de duas águas, telhadas e de paredes de madeira, revestidas por um escamado de tábuas (Fig. 6).



Fig. 6. O *polim* ou granel fechado. Pode ler-se: “Pátio lateral de uma casa nos Arrifes; Ponta Delgada, S. Miguel”.

Ao longo do tempo estas habitações foram sendo alvo de modificações com a aplicação de rebocos, pinturas, colocação de portões de ferro e muros de cimento, para além de passeios, ruas asfaltadas e iluminação pública (Brito, 2004: 141), no entanto, isto não foi o suficiente para perderem o traçado original, e sim a destruição total, parcial e/ou a conjugação pouco harmoniosa com novas arquitecturas e materiais, que se têm propagado no decorrer do novo milénio.

Com um olhar atento encontram-se pequenas insinuações do ambiente que existiu e foi aqui descrito, referente a décadas passadas, principalmente através das casas em ruínas ou em parcial abandono. É importante referir que no decorrer da

<sup>8</sup> Termo utilizado na comunidade em análise.

<sup>9</sup> O granel pode ser entendido como um celeiro simples.



investigação ocorreram inúmeras demolições sendo difícil encontrar um exemplar fidedigno da casa popular arrifense em bom estado de conservação (**Fig. 7**).



Fig. 7. Casa na Rua da Carreira. Foto: Cláudio Pacheco, 2018.

A freguesia de Arrifes possuía ainda uma variante desta tipologia que aproveitava o desnível do terreno. Apresentava-se de dois pisos e com balcão ou escada exterior. A mais comum surgia nas ruas de forma idêntica à casa que anteriormente analisamos, ou seja, eram edificadas paralelamente umas às outras e com a empena voltada para a via de comunicação (Brito, 2004: 141 e 191).

O piso superior mantém o mesmo traçado da anterior tipologia, com porta ao centro, ladeada por janelas de onde parte uma escada; ou duas portas e janela junto à rua. Aparece de forma pontual com duas janelas e porta.

No piso inferior podia variar entre meia loja debaixo dos quartos, onde apenas existia uma porta; de loja inteira que se prolongava por toda a edificação, traduzindo-se no aparecimento de duas portas a ladear a escadaria; sem porta e com algumas aberturas no balcão; ou no sistema de porta-porta-janela.

A loja situava-se no piso inferior da habitação, destinada a funções de armazenamento de géneros ou de apoio à actividade rural, incluindo a guarda de utensílios e zona de estábulo para os animais (Entrevista M. Moreira). A fachada apresentava geralmente uma janela se o piso fosse inclinado e duas janelas ou janela-porta correspondendo cada uma a um piso da casa.

O acesso era feito igualmente pela eira, local importante para as actividades agrícolas e de subsistência para a família. Aqui os anexos eram também uma presença constante, no entanto, o *polim* ou granel aparece fechado, mas com o mesmo intuito dos existentes nas casas anteriormente mencionadas. A diferença surge nas paredes que são de pedra e alvenaria com uma porta e janela.

O piso habitacional dividia-se de forma semelhante. Junto à rua ficava o quarto de cama, ao centro estava o quarto do meio onde se situava a porta principal e de onde partiam as escadas. Neste quarto de estar marcava presença um pequeno louceiro acompanhado por mesa e cadeiras (Entrevista M. Moreira).

No extremo encontrava-se a cozinha ampla com o forno-chaminé de ressalto ao fundo (Arquitectura, 2000: 154). Muitas vezes existia uma pequena janela na cozinha para dar claridade ou uma porta onde se colocava a pia de porco que dava directamente para o curral. Também neste local podiam coexistir pequenas escadas de serviço (Entrevista M. Moreira). A única parede de pedra encontrava-se aqui, pois a outra divisão era em madeira.

A falsa também era uma presença constante que se sobreelevava por cima da cozinha notando-se claramente no exterior a sua existência com uma janela e de forma pontual com duas (Brito, 2004: 142).

Na loja do lado extremo existia um arco inteiro onde se encontrava a manjedoura e dormiam os animais. Este espaço térreo correspondia no piso superior à cozinha, pois o restante espaço podia, ou não estar dividido por tabiques de madeira.

Estas casas estavam habitualmente associadas a proprietários rurais de média dimensão. Nos Arrifes, local de transição entre o centro urbano de Ponta Delgada e as freguesias mais afastadas, algumas lojas foram transformadas em pequenos espaços de comércio, o que justifica que determinadas casas desta tipologia apresentassem na fachada janela e porta, ao invés das suas congéneres de duas janelas (**Fig. 8**) (Arquitectura, 2000: 545).



Fig. 8. Casa na Rua dos Afonsos com janela e porta na fachada. Apresenta o *polim* ao fundo de pedra. Repare-se na antiga falsa que evoluiu para um novo compartimento sobre a cozinha. Foto: Cláudio Pacheco, 2018.

A casa “mata-vacas” contrasta com as casas mais abastadas que aparecem também com alguma expressão na freguesia de Arrifes. São de tipologias diferentes e menos claras distribuindo-se de forma esporádica pelos arruamentos. Estas edificações complexas se comparadas com as casas anteriormente citadas, pertenciam a lavradores mais providos de riquezas ou a comerciantes bem-sucedidos, e apresentam, por vezes, características comuns às casas eruditas. Possuem maior riqueza de pormenores exteriores com algum conforto e sofisticação. É frequente a presença de molduras nos vãos, de óculos decorados, de alpendres e balcões ou até mesmo de terraços. Apesar de tudo isto ainda estão longe da arquitectura característica das casas nobres (Arquitectura, 2000: 154).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as práticas, condutas, comportamentos, costumes e tradições, possuem uma relação com o espaço. O ser humano vive no espaço e no tempo, vive num determinado espaço físico e numa determinada época. Poirier afirma que todas as representações, imagens, mitos e cosmologias vivem em conjunto, uma vez que “(...) tudo aquilo que é conhecimento de um objecto ou de um fenómeno concreto existe no espaço e no tempo”. O vínculo de uma sociedade e dos seus membros com o espaço habitacional, encontra-se na disposição do território, ou seja, “(...) na sua forma particular de ocupação do solo, de estabelecimento dos homens e de repartição, das suas actividades ou dos seus trabalhos” (Poirier, 1998: 55), assim como na ligação que estabelecem com o espaço em que estão inseridos.

A habitação popular aqui analisada apresenta uma fisionomia invulgar e de excepção na ilha. Encontramos extensas ruas de casas lineares, marcadas por um ritmo alternado de pátio e construção, dispondo-se perpendicularmente à rua e virando-lhe a empena.

Ostentavam apenas uma janela virada para a via de comunicação. Tinham porta ao centro, virada para o pátio, ladeada por janelas ou possuíam duas portas e uma janela junto à estrada.

Eram viradas para a eira, onde estavam a retrete, o curral do porco, o galinheiro, a tolda e o *polim*.

Eram de uma forma geral de três compartimentos, onde o meio não correspondia a um corredor, mas a um quarto. Outra particularidade era a existência da falsa apenas sobre a cozinha.

Esta tipologia era vantajosa para protecção do vento, para a entrada do carro de bois e para a realização de trabalhos domésticos na eira. São designadas por estilo “Mata-Vacas”, no entanto, é curioso verificar a justificação de Raquel Soeiro de Brito:

*“(...) não consegui averiguar a razão desta anomalia, mas, no lugar, corre que tal plano foi feito para pagar menor contribuição camarária, uma vez que as casas assim dispostas viram para a rua a sua menor dimensão (...)”* (Brito, 2004: 191).

A casa com dois pisos e loja ou meia-loja, uma variante da casa popular, inclui ainda um balcão e escadas exteriores de acesso ao primeiro piso. Por outro lado, as casas abastadas dos ricos comerciantes são de tipologias diversas e menos claras, podendo apresentar-se com vários compartimentos e geralmente de dois pisos. Possuíam maior conforto interior e decoração arquitectónica diversa no exterior.

As fontes orais revelam-se de extrema importância neste estudo, pois sem o seu testemunho informações relevantes sobre a arquitectura e a história desta comunidade estariam perdidas.

Poderá afirmar-se que a freguesia de Arrifes necessita de uma intervenção preventiva urgente, que sensibilize a população e as entidades locais sobre o valor do seu património habitacional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AAVV (2001) *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Porto: Dicionários Editora, Porto Editora.

BOAVIDA MADEIRA, A. (1999): *População e Emigração nos Açores: 1766-1820*. Cascais: Patrimónia: Associação de Projectos Culturais e Formação Turística.

COSTA BORGES, Pedro Maurício (2007): *O Desenho Do Território e a Construção Da Paisagem na Ilha de S. Miguel, Açores: na segunda metade do século XIX, através de um dos seus protagonistas*. 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra. Dissertação de Doutoramento na área de Arquitectura, especialidade de Teoria e História da Arquitectura apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FIGUEIREDO, C. (1996): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 25ª ed. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora.

FREITAS MENESES, A. (2011): *Antigamente, Era Assim! Ensaio de História dos Açores*. Ponta Delgada: Publiçor Editores, Nova Gráfica, Lda.

FRUTUOSO, G. (2005): *Saudades da Terra: Livro IV*. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

GOULART ALMEIDA, R. M. (2012): *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel: Séculos XV a XVIII*. Ponta Delgada: Direcção Regional da Cultura, Presidência do Governo Regional dos Açores.

GOULART COSTA, S. (2008): *Açores 9 ilhas, uma História*. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores.

LOPES, D. (1968): *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa.

MACHADO, J. P. (1977): *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*. 3ª ed. Vol. I: A-B. Lisboa: Livros Horizonte.

NOGUEIRA LALANDA, M. M. (2002): *A Sociedade Micaelense no Século XVII: Estruturas e Comportamentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

POIRIER, J. (1998): *História dos Costumes: O Tempo, o Espaço e os Ritmos*. Vol. 1. Paris. Editorial Estampa.

SILVA RAPOSO, C. M. (2016): *Arrifes: Urbanismo e Património Construído*. Ponta Delgada: Master Thesis, Repositório da Universidade dos Açores.

SOEIRO BRITO, Raquel. *São Miguel - a Ilha Verde: estudo geográfico (1950-2000)*. Ponta Delgada: Fábrica de Tabaco Micaelense. 2004. 2ª ed.

VIEIRA CALDAS, J. (coord.) (2000): *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.